

## O Veterano

Ao meu lado, no mesmo piso, vivia um homem velho mas vigoroso. Quando passava pela sua porta, ouvia-o cantar com frequência «**Quando o toque da alvorada nos chama aos Muros, Destino do Granadeiro, Cá estamos raparigas**». Costumava encontrar-me com ele na leitaria onde ambos comprávamos pão, manteiga, leite e pickles de pepino. Devia ter mais de setenta anos, mas caminhava com as costas bem direitas.

Vim a conhecê-lo no Outono passado. Uma noite, quando saía de minha casa e fechava a porta, ele veio ao patamar e convidou-me a entrar para dois dedos de conversa.

Encontrei-me num quarto frio e quase vazio ? uma mesa, uma cadeira, uma cama de ferro e um enorme armário de carvalho escuro entalhado. Lá fora o vento batia nas vidraças lúgubrememente.

Por momentos, quedámo-nos silenciosos, olhando um para o outro. Depois, fixou-me e disse com compassada ênfase:

«ERA EU que levava o estandarte do quinto regimento.»

«Ah! Sim?», disse eu.

«Sim, do 5.º Regimento», repetiu. Continuámos a olhar-nos até que, percebendo que as suas palavras não tinham causado qualquer efeito em mim, baixou os olhos. Eu não sabia nada do 5.º Regimento.

«Hoje é o aniversário do Regimento. Era o mais famoso do país. Mas o senhor é novo demais para se poder lembrar.»

Abri as mãos, num gesto de impotência., «Combateu bem?», perguntei para lhe ser agradável.

«Que marcha! Oh, como marchámos bem! Devia ver-nos. Que lindo! Mas hoje... verifiquei. Só resto eu. Sou o último soldado do 5.º Regimento.»

«E depois?»

«Hoje é o dia do aniversário. Neste dia havia sempre uma grande marcha, e os jornais faziam uma grande reportagem. O nosso Regimento escoltava o Comandante-em-Chefe. Eu era profissional. Ninguém conseguia gritar mais alto que eu: Hip, hip, hurrah e três vivas.»

Perfilou-se, colocando as mãos nas costuras das calças que lhe ficavam demasiado grandes, e olhou pela janela, com a expressão de um falcão poeirento embalsamado.

«Desculpe», disse eu, «três vivas a quem?»

«Hip, hip, hurrah!»

A bâtega da chuva na janela parecia o eco dos vivas.

Dirigiu-se ao armário. As portas, que tinham esculpido cachos de uvas, rangeram alto. Olhei por cima do ombro dele. O único objecto dentro do armário era um pequeno pau de madeira envolto em lona. O homem bateu os tacões, agarrou na haste e tirou-o.

A bandeira do regimento. À luz fraca da lâmpada pendurada do tecto sujo, desdobrou um pano bolorento. Um leão dourado segurava o algarismo cinco. O roxo escuro do tecido parecia alegre, em contraste com as paredes nuas e esboroadas do quarto.

Encostou o pendão contra o armário e pôs as mãos como para rezar.

«Peço-lhe», disse, «não me diga que não. Não é longe.. Por favor.» Não pude recusar. Embrulhou a bandeira no jornal e levou-a para a rua. Segui-o.

O último eléctrico levou-nos à Praça Central. A chuva continuava a cair em bâtegas. Descemos. À nossa frente estendia-se uma vasta extensão de asfalto negro. A luz dos muitos candeeiros agitados pelo vento espriava-se na superfície brilhante. Costumava ser o lugar de encontro de todas as paradas, procissões e demonstrações. O velho continuava a explicar.

«...O nosso regimento era especial, só para acontecimentos nacionais... tínhamos a maior banda do país. Que banda!»

Empurrados para trás e para a frente pelas bâtegas de água, dirigimo-nos ao centro da Praça. Não havia nenhuma plataforma.

«É capaz de ficar aí?», apontou para o cimo de uma forma indistinta, perto de nós. Era um caixote de lixo. Subi, abotoando o casaco para melhor vencer o vento. Num plano inferior a mim, via a silhueta do porta-bandeira com o pano ainda enrolado no pau, qual lança.

«Comecemos», disse com a voz tremendo de emoção. «Graças a si, uma vez mais poderei passar a marchar.

Talvez seja a minha última marcha.»

«Ora essa. Não há razão para falar assim» disse eu delicadamente. O vento era terrível.

Concentrou-se e deu-me uma ordem seca: «Ponham-se em formatura.»

Afastou-se.

Senti-me ridículo, em equilíbrio instável no cimo de um caixote do lixo sózinho no meio e uma praça vazia.

De repente, o vento trouxe pela minha esquerda o sussurro de uma voz distante, «Esquerda, direita, esquerda, direita...»

O porta-bandeira surgiu sob a luz incerta dos candeeiros da rua. Esvoaçando ao vento sobre a sua cabeça, o pendão hasteado era sustido por mãos inseguras.

Aproximava-se. Em passo de parada. Levantava os pés desajeitados de maneira burlesca, assentando-os depois no passeio com um baque suavíssimo.

«Hip, hip, hurrah!»

O vento levava a voz do velho, espalhando-a pelos cantos da enorme praça.

«Hip, hip, hurrah!»

Já a poucos passos de mim, levantou a cabeça e gritou com voz de falsete:

«Diiiiireita!»

Passou por mim três vezes, baixando sempre o estandarte com o leão dourado segurando o número cinco. Agarrei o casaco com uma mão. A outra levei-a vagarosamente à cabeça. Fiz continência.

Mrozeck  
O Elefante, editorial estampa.